



EXPERIÊNCIAS LITERÁRIAS DE SURDOS

Janete Inês Müller - UFRGS¹

Dra. Lodenir B. Karnopp - UFRGS²

1 Introdução

As experiências literárias de surdos constituem foco de análise deste artigo. A partir de relatos de cem estudantes do Curso de Licenciatura em Letras-Libras da Universidade Federal de Santa Catarina (modalidade a distância, turma de 2008)³, coletados a partir de questionário encaminhado aos graduandos na disciplina Literatura Surda, discutimos as experiências literárias de surdos em sua infância, incluindo contadores e narrativas que circulam em diferentes regiões brasileiras. Também, investigamos a participação dos estudantes em festivais e outros eventos da(s) cultura(s) surda(s), que, assim como a internet, possibilitam a circulação e o consumo de produções culturais surdas.

Nesse sentido, a partir dos Estudos Surdos, vinculados ao campo dos Estudos Culturais em Educação, entendemos a cultura como o modo de ver, de sentir e de agir semelhante ao nosso; e, por isso, assume um caráter de centralidade na Educação, principalmente através dos processos de subjetivação e de construção das identidades. Assim, a “cultura é alimentada, criada, reproduzida, reforçada e, por vezes, subvertida, largamente, pelas narrativas com protagonistas pontuais, em circunstâncias e lugares datados” (SILVEIRA, 2006, p. 199).

Assumimos aqui que as experiências são também constituídas a partir das histórias: as que contamos, em que somos autores, narradores e protagonistas, ao mesmo tempo; as que são também construídas em relação às histórias que acessamos e nos dizem respeito à medida em que somos compelidos a produzir nossa história; e as que são também produzidas e mediadas no interior de práticas sociais, ou seja, as histórias produzidas e que constituem a

¹Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS.

²Professora Adjunta do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Produtividade em Pesquisa 2, processo nº 313999/2009-0.

³Em geral, esta pesquisa também integra as investigações realizadas no projeto “Produção, circulação e consumo da cultura surda brasileira”, que é desenvolvido por pesquisadores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, da Universidade Federal de Santa Maria e da Universidade Federal de Pelotas.

experiência de si são significadas e reguladas em práticas discursivas, temporalmente articuladas (LARROSA, 1999 e 2002).

Narrar-se, então, relaciona-se à possibilidade de reviver, de apresentar novamente o que se experienciou, cujo rastro ficou na memória; o narrador compartilha sua identidade através de uma continuidade temporal, também se constituindo no tempo da vida presente, tendo em vista a sua inserção no interior de uma trama discursiva. Por isso, as experiências narradas por surdos, principalmente produzidas em língua de sinais, possibilitam a expressividade do sujeito que se posiciona e favorecem o sentimento de pertencimento a um grupo que compartilha de suas experiências.

As narrativas possibilitam o relato de si, fazendo-nos pensar acerca das contribuições da memória sobre maneiras surdas de viver em tempos e contextos variáveis. E nossa argumentação vale-se do que expressam os surdos, quando instigados a narrar experiências com histórias literárias, como pode ser observado no excerto abaixo:

A história que marcou da minha infância que eu gostava tanto da história infantil foi a Mônica e o Cebolinha. Na época não tinha livros para surdos (livro infantil de Libras). Agora tem literatura surda mas futuro vai melhor aumentar ser literatura surda⁴ (Henrique – Polo da UFGD)⁵.

Talvez isso nos possibilite refletir sobre a experiência surda em um campo de políticas discursivas que, por sua vez, estão diretamente relacionadas às práticas educacionais. Acreditamos, assim, na possibilidade de pensar sobre a pedagogia surda, principalmente se considerarmos a inserção da(s) cultura(s) surda(s) nas escolas, ou a constituição de comunidades surdas nos estabelecimentos escolares.

E, nesse universo de vivências individuais e coletivas, ‘olhamos’ para as práticas culturais, como algo que não só constrói os sujeitos, mas que também constitui uma produtiva fonte de compreensão das redes de significação da contemporaneidade. Se acreditarmos na potencialidade das mudanças a partir de problematizações, de desacomodações e de rupturas, é porque, dessa forma, as transformações são possíveis, principalmente a partir de conquistas político-pedagógicas que, a partir da década de noventa, possibilitaram mudanças nas práticas educacionais.

⁴ Apesar de não apresentarmos os excertos na íntegra, neste e em outros exemplos, optamos em manter a expressão escrita do(as) surdo(as) que responderam aos questionamentos propostos acerca de sua experiência literária.

⁵ Os nomes utilizados neste artigo são fictícios, preservando o anonimato dos participantes da pesquisa. As informações sobre os polos foram mantidas.

As pesquisas no campo da Linguística e da Pedagogia sinalizaram a importância das línguas de sinais na educação de surdos, em relações familiares e sociais, também potencializando o seu uso nas associações e clubes de surdos. Através de movimentos e da articulação com a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS), a Língua Brasileira de Sinais foi oficializada no Brasil (Lei 10.436, de 24 de abril de 2002). Após, por meio do Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, outras mudanças aconteceram, principalmente a inclusão da Libras como disciplina curricular em cursos de licenciatura e a formação de professores, instrutores, tradutores e intérpretes de Libras-língua portuguesa. A escola passou a ter responsabilidade em garantir a educação bilíngue para os surdos brasileiros, e a criação dos cursos de Letras/Libras e de pedagogia bilíngue também foi regulamentada em lei.

Em geral, consideramos que as narrativas estão presentes em nossas vidas e, de certo modo, essa onipresença se reflete também nas comunidades surdas, no campo pedagógico, e é sobre essas experiências literárias de surdos que pautamos a análise que ora apresentamos.

2 Literatura Surda: um marcador cultural

A(s) cultura(s) surda(s) podem ser entendidas a partir de marcas que fazem emergir a diferença de ser, de perceber, de explicar, de viver no mundo. Assim, assemelha-se a algo que penetra na pele de quem participa das comunidades surdas, que compartilha uma língua, um conjunto de normas, valores, crenças, hábitos e comportamentos. Além da língua de sinais, da arte, do teatro e da poesia surda, outros marcadores permitem falar de identidades surdas fundadas em uma alteridade e uma forma de *ser surdo*: o encontro e a comunidade surda, a experiência do olhar e a noção de luta permanente (LOPES e VEIGA-NETO, 2010, p. 116). Strobel (2009) ainda acrescenta outros artefatos da(s) cultura(s) surda(s): a literatura surda, as artes visuais, os materiais de acessibilidade, entre outros.

Assim, podemos entender a Literatura Surda – que tem presente a língua de sinais, a identidade e marcadores da cultura surda - como uma das formas utilizadas pelos sujeitos surdos narrarem e (re)constituírem sua(s) cultura(s). Em textos literários que circulam em língua de sinais (encontros presenciais, em vídeos ou DVDs), em traduções para a escrita em língua portuguesa, ou que circulam através da língua de sinais escrita (*sign writing*), a Literatura Surda traduz suas dificuldades e vitórias, suas atuações no cotidiano, inclusive

como se saem em diversas situações inesperadas, testemunhando as ações de grandes líderes e militantes surdos, e sobre a valorização de suas identidades surdas.

Por traduzir a memória das vivências surdas através das várias gerações dos povos surdos, a literatura multiplica-se em diferentes gêneros textuais. Por meio dela, têm-se acesso ao humor, ao prazer estético e imaginativo das produções, em que é possível experienciar o universo ficcional, linguístico e cultural das histórias de vida, dos romances, das fábulas, das lendas, dos contos, dos poemas, das piadas, das crônicas, das histórias em quadrinhos, dos mitos, dos jogos de linguagem e de outras produções. Além disso, as experiências literárias podem também constituir-se a partir das relações conflituosas entre pessoas surdas e ouvintes, com possibilidade de manifestação dos desejos, de necessidades e de práticas culturais surdas.

E é nessa perspectiva que se estrutura a disciplina Literatura Surda, que integra o currículo do Curso de Letras/Libras (Licenciatura e Bacharelado), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Com o objetivo de formar professores e tradutores-intérpretes, o curso conta com o(a) professor(a) da disciplina, professor(a) tutor(a) e monitor(a), que, a partir de sua modalidade a distância, articula-se a diferentes regiões do nosso país. Os trabalhos na disciplina privilegiam a literatura surda contemporânea, após o surgimento da tecnologia, tendo em vista os registros em *sign writing*, a gravação de histórias através de fitas VHS, CD, DVD ou os textos impressos que apresentam imagens, fotos e/ou traduções para o português.

Provocados a partir de reflexões mobilizadoras apresentadas em uma atividade da disciplina Literatura Surda, cuja realização pelos alunos foi opcional, evidenciamos experiências literárias surdas, que são importantes qualificar o acervo brasileiro da Literatura Surda, bem como constituem material empírico desta análise. Para o *corpus* analítico deste artigo, definimos alguns critérios para a escolha das cem contribuições de surdos brasileiros, visto que a comunicação é bilíngue no ambiente virtual do Curso de Letras-Libras. Nesse caso, ela acontece através de vídeos em língua de sinais e escritas em português, que têm como eixo principal a língua de sinais e outros marcadores culturais surdos.

Consideramos a importância das contribuições de acordo com os objetivos do projeto *Produção, circulação e consumo da cultura brasileira*, principalmente no que diz respeito à busca por contadores e narrativas literárias que circulam nas comunidades surdas; destacando também a riqueza cultural de diferentes regiões do nosso país, ou seja, experiências advindas de acadêmicos surdos de as variadas universidades-polo do Curso de

Letras-Libras. Além disso, optamos pela seleção e análise de dados encaminhados em língua portuguesa, que se deram em proporções maiores no ambiente do curso, embora outros formatos⁶ (como vídeos) pudessem ser utilizados para os relatos.

Entendemos que essas narrativas não são “um campo passivo de mero registro ou de expressão de significados existentes” (HALL, 1997, p. 47). Esses significados são historicamente construídos, sendo que o dito pelos surdos está inserido em um campo discursivo possível em nosso tempo.

Afinal, como os surdos envolvidos com a pesquisa narram suas experiências literárias? Seguimos com a descrição de alguns ‘achados provisórios’ da pesquisa; portanto, não os entendemos como ‘verdades’ cristalizadas ou homogêneas, muito menos resistíveis ao tempo e ao espaço.

3 O que narram os surdos? Alguns ‘achados’ da investigação

A partir dos depoimentos obtidos, percebemos uma certa produtividade na constituição e no fortalecimento de certa feição das experiências literárias de surdos. Na perspectiva em que nossa análise se inscreve, essas narrativas estão marcadas pelas experiências que os surdos têm do uso da língua de sinais e da inserção em um ambiente familiar e escolar, em que circulavam histórias preponderantemente em língua portuguesa. Ao responder às perguntas propostas, alguns alunos se restringiram a relatos breves e diretos. Outros construíram narrativas mais detalhadas de suas experiências, possibilitando a constituição de variadas unidades analíticas, inclusive para pesquisas futuras.

3.1 As experiências literárias na infância

A primeira questão dirigida aos alunos do Curso de Licenciatura em Letras-Libras questionava as experiências literárias na infância. Eis as perguntas:

1. Você lembra de histórias (contos, fábulas, piadas ou outras) contadas em sua infância? Quem contava histórias para você? Você costumava ver, ler ou assistir histórias quando era criança? Qual a história (por favor, coloca o nome da história) que você mais gostava quando era pequeno/a? Onde você encontrava histórias? Relate uma história que marcou sua infância (aquela que você mais gostou)?⁷

⁶ Alguns alunos realizaram as atividades em Libras, através da postagem em vídeo no Ambiente Virtual de Aprendizagem do Curso de Letras-Libras.

⁷ KARNOPP, Lodenir. Disponível em <http://www.libras.ufsc.br>. Acesso em 10 dezembro de 2010.

Selecionamos alguns dos depoimentos que consideramos produtivos nas respostas apresentadas. A partir disso, tecemos análises sobre as respostas enviadas pelos alunos.

Eu era pequenino na escola oral de Vitória, não tinha os professores dos surdos. Só tinha os professores ouvintes não sabiam como a língua de sinais na sala de aula. A ensinar própria metodologia de oralista. É antiga costumado falar com os alunos surdos. Eu não lembrando como a história de contava de piada, fábula, engraçado e etc. Eu criança não entender como a linguagem. Porque só prática pra falar. Porque não significar para falar como linguagem (Pedro – Polo UFES).

Na minha infância não conhecia contos históricos e fábulas, via livros com desenhos de Chapeuzinho Vermelho, a Turma da Mônica, imaginava o que eles falavam, por que a meus pais não sabiam ler, mais tarde, começaram aparecer a história de Branca de Neve, a Cinderela e a A bela e a Fera na TV, e eu amava esta história e não entendia nada o que eles falavam e só imaginava e assistia através dos desenhos. Só aprendi quando entrei na faculdade cursando Pedagogia (Carlos - Polo UFES).

Ao analisarmos os depoimentos de alunos, a partir das recorrências apresentadas, foi possível observar que, durante a infância, a maioria das narrativas era apresentada em português, em que os contadores esforçavam-se para usar gestos caseiros ou explorar as imagens dos livros. Em geral, essas histórias contadas, eram oralizadas, não eram ouvidas pelos surdos; eram apenas ‘olhadas’, porque não se usava Libras nas Escolas e raramente em família. Desse modo, é possível sugerir que as experiências com a literatura foram constituídas de um modo diferente: eram exploradas mais as imagens e os desenhos que as histórias apresentavam, buscando atribuir sentido à sequência visual apresentada. Em alguns casos, gestos caseiros eram utilizados na hora de contar as histórias contidas nos livros.

Eu me lembro que quem me contava era a professora na escola de surdos, mas a professora não sabia muito bem a LIBRAS só pouco usava mais oral. Na piada quando era pequena nunca me contava as piadas. Eu só via as figuras os livros sobre contos da fada não me explicavam nem contavam historinha do Chapeuzinho Vermelho e Os três porquinhos. Eu gostava de ver os livrinhos só ver as figuras não entendia nada sobre texto. Eu encontrei os livrinhos só da escola surdos e regular e também as vezes minha mãe comprava os livrinhos.[...] E agora entendo diversos contos da fadas porque mais tarde alguns professores já sabiam LIBRAS e contavam historinha para nós surdos e também assistimos TV sobre historinhas e também em LIBRAS, assim ficou claro melhor do que no passado porque a LIBRAS ajudou muito nosso entendimento (Paula - Polo UFPR).

O uso da língua de sinais para contar histórias não foi relatado pela maioria dos alunos. Em geral, as experiências da infância deram-se através de revistas de histórias em quadrinhos e produções em vídeo ou televisão, que possibilitavam melhor compreensão pelo uso de imagens. A leitura dos textos ou a tradução dos textos para Libras é relatada como uma experiência que aconteceu após a infância, em geral, na universidade ou em escolas de surdos. Enfim, poucas histórias foram contadas em Libras, e essas experiências aconteceram

principalmente nas Escolas de Surdos, onde os professores usavam a língua de sinais e/ou utilizavam outros recursos de apoio.

Muitas histórias infantis são de desenhos, seriados e programas da TV, em função do visual, pois, mesmo sem legendas, consideram um modo mais adequado de entender o enredo; também são citadas as histórias em quadrinhos e gibis, que possibilitam relacionar o texto escrito ao visual. Além de histórias em quadrinhos, são citados filmes e desenhos da TV: Sítio do Picapau Amarelo, Turma da Mônica, personagens da Disney, Xuxa, entre outros. Destacam-se os filmes e desenhos de ação, de poucos diálogos e muitas cenas, que proporcionam o entendimento através das imagens e ações apresentadas sequencialmente. Reconhecem também a importância de conhecer histórias em Libras, valorizando a Literatura Surda e incentivando a formação de escritores, pintores, atores, poetas.

Lendo o texto da primeira unidade, achei muito interessante e informativo, pois entendi que a Literatura Surda, recentemente estão sendo registradas as obras que alguns estão escrevendo ou filmando, é muito importante para que a Literatura Surda existir e ser mostrada para as pessoas que não a conhecem ou não a valoriza. [...] É importante, pelo fato de as pessoas não conhecer a Literatura Surda ou pensam que ela não existe, e acreditar que a língua de sinais é capaz de tudo até formar escritores, pintores, atores, poetas surdos famosos (Paulo – Polo UNICAMP).

A minha família nunca me contaram história na minha infância. Porque como eu surda a família tinha pouca comunicação comigo naquela época eu não conhecia LIBRAS e falta de informação. Eu não sabia que existia comunidade surda pois naquela época eu gostava de ler gibi turma da mônica sítio do picapau amarelo até hoje eu ainda gosto. Pois hoje eu vivo na comunidade surda muito interessante estou cursando LETRAS E LIBRAS para eu aprender e ajudar surdo contar história em LIBRAS (Ana Júlia– Polo UFRN).

Os surdos tiveram acesso a histórias literárias, principalmente as narrativas em fábulas e contos clássicos da literatura, que eram contadas por pessoas da família (pais, irmãos, tios e avós) ou em associações de surdos.

Gostava mais os livros de contos são Bela Adormecida, Rapunzel, Três Porquinhos, Chapeuzinho Vermelho, Menina Fashion, Branca em Neve, Patinho Feio, Cinderela, Ali Babá e os 40 ladrões e etc., e nunca esqueço essas historinhas e também ganhei um caixa grande dentro muito livros infantis, e a minha mãe é professora da escola trouxe muitos livros para casa e peguei os livrinhos e lia às vezes as palavras não entende e principalmente visual os desenhos e percebia e mais gostava da história (Ricardo – Polo IF-GO).

Em geral, os acadêmicos lembram-se de contos clássicos, como João e Maria, Os três porquinhos, Chapeuzinho Vermelho, Cinderela, Rapunzel, Branca de Neve, Peter Pan, Pequeno Príncipe, Pequena Sereia; e também de fábulas, como O patinho feio, A tartaruga e a lebre, O leão e o rato, A formiga e a cigarra, entre outros.

3.2 Os contadores e a circulação de histórias

Quando questionados sobre eventos da comunidade surda e sobre os contadores de histórias em Libras, verificamos de modo frequente que são citados alguns artistas e espaços onde os surdos circulam, como as associações de surdos, FENEIS (Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos), escolas de surdos, como o INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos), entre outros.

2. Você já assistiu algum contador de histórias (piadas, fábulas, contos...) em Libras no Brasil? Já participou de algum evento, festival da cultura surda? Relate como foi.

3. Em sua cidade, em sua região, quais são os contadores de histórias em Libras? Quais são as narrativas, poemas, piadas, contos que circulam em sua comunidade? Por favor, registre o nome dessas pessoas e o nome das narrativas, piadas... que você conhece.⁸

Com os avanços político-pedagógicos na área da educação de surdos, principalmente quanto ao potencial linguístico da Libras, cresceram as produções artístico-culturais surdas, revelando talentos em performances poéticas e na contação de histórias e de piadas.

No INES têm os vídeos sobre HIV e AIDS. O autor Nelson Pimenta sempre mostra o teatro, piada, historia e outros, mas também o vídeo e DVD. Este filme muito interessante de ajudar a comunidade surda no Brasil (Martina – Polo da UFSC).

Só descobri as histórias muito depois de conhecer os surdos, conheci os surdos no ano 2004, quando tinha 19 anos de idade, os surdos que conheci não tinha muito contato com essas histórias e nem conhecimento sobre festival, dvds, materiais em libras (Eduardo - Polo da UFES).

Destaca-se a importância da Feneis e do INES – produção e circulação de materiais, que, para a maioria, foram os primeiros acessados através de práticas escolares e no Curso de Letras-Libras. As publicações da Editora Arara Azul e da LSB Vídeos também são destacadas.

Em geral, a comunidade surda tem promovido eventos da(s) cultura(s) surda(s), como seminários, fóruns, festivais e outros encontros, dando visibilidade ao potencial de alguns poetas, dramaturgos, contadores de histórias e de piadas, tanto os de âmbito nacional como aqueles reconhecidos em algumas regiões do país. Nesse sentido, observa-se que muitos surdos acadêmicos relacionam a experiência literária ao uso da língua de sinais e à participação em escolas, comunidades ou eventos da(s) cultura(s) surda(s).

Foi minha primeira vez do congresso de Góias, tinha surdos contavam piadas e histórias de Libras dos surdos, foi muito bom de conhecer da experiência.

⁸ KARNOPP, Lodenir. Disponível em <http://www.libras.ufsc.br>. Acesso em 10 dezembro de 2010.

Aprendendo e observando em saber da cultura dos surdos de Libras (João – Polo UFSC).

Primeira vez que vi piadas foi dia dos surdos em 2005 no evento, achei muito interessante, pois antes convivia com ouvinte nunca tinha visto piadas e teatro de surdos, [...] Em 2009 veio surdos Estados unidos ele fez muita piada engraçado. Em Goiânia participei de piadas dos surdos em 2009 no encontro letras/libras muito legal (Milena – Polo da UFSC).

A maioria dos surdos relata que já participou de Encontros de Jovens Surdos do Rio Grande do Sul; Congressos no Rio de Janeiro, Vitória (ES) e em Goiás; eventos do Letras-Libras; também em associações de surdos e grupos constituídos em igrejas do país ou nos cursos de Libras. Entre os que já participaram desses ou de outros eventos da área, afirmam que lá é possível ter acesso a histórias, teatros, piadas e poemas em língua de sinais. Esses eventos, muitas vezes, constituem os primeiros contatos com as produções culturais em línguas de sinais e com os surdos artistas. Entretanto, esses encontros geralmente acontecem nas capitais dos Estados e, então, muitos surdos têm dificuldade para deslocamento.

Entre os contadores de histórias e artistas surdos destacados nas pesquisas apresentamos: a) Nelson Pimenta – ator e professor de teatro no Rio de Janeiro, com produção/recitação de poemas e contação de piadas em Libras; b) Germano Dutra Júnior – ator, roteirista e diretor de cinematográfico, que reside em Santa Catarina; c) Sandro Pereira dos Santos – instrutor de libras, com publicação de piadas surdas em Libras; Rimar Romano Segala – paulista que, junto com sua irmã Sueli Ramalho, fundou, coordena e atua na “Cia. Arte & Silêncio”; Fernanda de Araújo Machado – artista plástica do Rio de Janeiro; Fabiano Rosa – contador de histórias e escritor gaúcho; Cláudio Mourão – artista, poeta e contador de histórias; Cleber Couto – poeta, instrutor surdo e também interpreta o Hino Nacional Brasileiro; entre tantos outros. Tais artistas e contadores de histórias têm produzido livros escritos em português, obras em língua de sinais (DVD, CD ou vídeos que circulam na internet), entre outras possibilidades.

3.3 Internet como possibilidade de produção, circulação e consumo da literatura surda

Porque antigo não tinha mais como tecnologia. Como o DVD, filmes, livros e etc. Materiais de libras, não tinha no passado em antes 2002. Porque a nova lei começou em 2002, que precisa obrigar a libras. Os surdos já preparando como fazer a libras, que novos as materiais de libras em depois 2002 até hoje (Pedro – Polo UFES).

Os alunos afirmam que não havia tecnologia há algumas décadas, disponível para assistir e produzir histórias em Libras, em DVD, por exemplo. Atualmente, a referência

principal em narrativas que circulam em Libras são os vídeos postados no Youtube. Esses materiais também circulam em sites e blogs da cultura surda. A tecnologia, segundo os depoimentos, especialmente através da internet, possibilita a criação, a circulação e o consumo de produções culturais surdas, principalmente as de caráter literário.

Eu gosto de ver estas historias, por que o visual é muito bonito. As roupas, maquiagem e cenário (diversos materiais e efeitos cênicos) e LIBRAS que fazem durante as historia são muitos fáceis de visualizar, os movimentos são ótimos (Natália – Polo da UFES)

Agora novos anos que participei vários os surdos na cultura surda, comunidade surda, identidade surda estão conceitos mais importante como contexto com surdos tem soltar em Libras como espaço, usar paramentos de expressão facial, orientação, movimentos, configuração da mão, mostra que todos dentro corpo usar mostra dar mais emoção, chorar, alegre, triste e contente (Joana – Polo da UFBA).

Em geral, os acadêmicos manifestaram a preferência por narrativas e poemas criados e traduzidos para a língua de sinais. Nesse caso, destacam-se as produções com marcadores da cultura surda, que apresentam ensinamentos para a vida, que possibilitam a imaginação e diversão, observando a importância das performances em língua de sinais. Destacam o uso estético dos sinais na produção de histórias e de poemas, com ênfase nos classificadores e na expressividade linguística.

As fábulas são as narrativas preferidas, porque são textos que ensinam, emocionam, provocam; incentivam a vencer na vida, mostram a igualdade sem distinção; são também exemplos de bondade, humildade, carinho; ensinam o que é certo na vida; têm moral para a história.

Silveira, Bonin e Silveira (s/d), na análise de representações sobre surdos e surdez em livros infantis recentes destacam que

colocar a literatura infantil a serviço de objetivos de informação e formação da infância tem sido prática corrente desde o seu surgimento e se concretiza sob formas diversas, que podem ir da doutrinação evidente e sem rodeios até a concretização de determinadas ideias e concepções através de tramas imaginativas e sedutoras. [...] Há que se citar, também, nesta conjunção entre literatura para crianças e intenções pedagógicas, o papel da instituição escolar, responsabilizada, na sociedade moderna e contemporânea, pela introdução formal das crianças às experiências de leitura e, mais recentemente, pelo fomento ao gosto pela leitura, através, principalmente, do acesso a variados livros de literatura (p. 1).

Articulado a concepções de infância, as preferências dos estudantes estão em condições de possibilidade de uma escolarização em que o papel da literatura muitas vezes se restringiu a “ensinamentos”, muito mais do que ao valor estético que os textos literários podem trazer.

4 Para finalizar

Das unidades analíticas, podemos inferir que as experiências literárias de surdos na infância foram constituídas de modo diferente: as imagens e os desenhos eram mais explorados, visto que, desse modo, atribuíam sentido às histórias. Em alguns casos, gestos caseiros eram utilizados para contar as narrativas dos livros. Raras foram as histórias contadas em Libras e, quando essas ocorriam, geralmente eram em espaços de escolas de surdos ou, então, em outros níveis de escolaridade, como no Ensino Superior.

Com destaque para o uso da internet, foram citados os contadores e as narrativas em Libras que circulam em diferentes regiões brasileiras. Além disso, as associações de surdos, Escolas de Surdos, o Curso de Letras-Libras, INES, FENEIS foram destacados como espaços da comunidade surda, em que narrativas e textos em Libras circulam e são consumidos, como também acontece a partir da participação dos estudantes em festivais e outros eventos da(s) cultura(s) surda(s).

As narrativas guardadas e posteriormente relatadas pelos surdos podem ser entendidas como dispositivos de resistência e de marcação cultural, pois os sujeitos testemunham seus legados através de suas memórias e experiências. Assim, abre-se a possibilidade de (re)conhecer outras maneiras de viver e de narrar o vivido, dando uma visibilidade a muitos protagonistas anônimos a partir do que acontece no coletivo.

Referências

HALL, Stuart. The work of representation. In: HALL, Stuart. (org.) *Representation; cultural representations and signifying Practices*. London: Thousand Oaks; New Delhi: Sage, 1997.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, jan-abr, 2002.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do Eu e Educação. In: SILVA, Tomas T. da. *O sujeito da Educação: estudos foucaultianos*. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

SILVEIRA, Rosa M. H. Discurso, Escola e Cultura: breve roteiro para pensar narrativas que circundam e constituem a educação. In: SILVA, Rosa M. H. (org.) *Cultura, poder e educação: um debate sobre estudos culturais em educação*. Canoas: Ed. ULBRA, 2005.

SILVEIRA, Rosa; BONIN, Iara; SILVA, Carolina. *A diferença em livros infantis recentes: representações de surdos e de surdez*. (Texto digitalizado)

STROBEL, Karin L. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. 2. ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2009.

LOPES, Maura C.; VEIGA-NETO, Alfredo. Marcadores culturais surdos. In: LOPES, Maura C.; VIEIRA-MACHADO, Lucyene M. da C. *Educação de surdos: políticas, língua de sinais, comunidade e cultura surda*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2010.